

A TNUÁ frente o ISHUV e a REALIDADE BRASILEIRA.

Relator: Pivo

Tese- ..." A Tnuá deve se apresentar como vanguarda da comunidade, atuando dentro desta, sem ser cooptada pelo "Establishment" do Ishuv, já estabelecido"...

..." O Movimento dentro de seus princípios básicos, deve ter em seu seio, amplo esclarecimento de todo o processo político e sócio econômico do país, possibilitando o posicionamento individual por partidos chaverim, bem como, determinados alguns parâmetros, assumir uma posição pragmática coletiva frente a realidade brasileira"...

Antítese- ..." A liderança do Ishuv Nacional dentro de sua postura "político-Ideológica" (que coloco plenamente em duvida sua existência) não representa necessariamente a linha procurada pelo movimento para a Keilá, limitando assim as relações de trabalho"...

* O Ishuv brasileiro, a exemplo de todos os Ishuvim do galut, apresenta-se organizado de acordo a todo um esquema baseado em organizações dispersas e de conteúdo cultural. Além disso, a estrutura de funcionamento do Ishuv era formulada de acordo à estrutura dos grupos de imigrantes aqui chegados de todas as partes do mundo.

Esta estrutura (antes de 22, visava reunir a comunidade judaica em torno de valores provindos da mentalidade européia (judaica), como a auto-preservação do povo, advento da cultura judaica (idish),...

A partir de 22 com a criação da Federação Sionista Brasileira, novos elementos são inseridos no contexto da comunidade. E quando de maneira funcional (já que ideologicamente as raízes são mais antigas) e estrutural, pequena parte da comunidade começa a lutar pela causa sionista de maneira efetiva.

De maneira bem genérica despontamos os primeiros traços do que hoje determina a correlação de forças dentro da Ishuv brasileiro.

A partir da criação do Estado de Israel, o movimento Sionista atinge o seu ápice dominando uma parte maior da coletividade.

Passada a euforia dos primeiros anos de criação do Estado, a comunidade de uma forma geral volta a sua "apatia", onde os animos só são inflamados durante os períodos de crise (guerras, atentados, ameaças a vida pacata ou aos interesses econômicos-sociais) para logo se arrefecerem.

Por outro lado, a mentalidade daqueles primeiros emigrantes (antes e depois da segunda guerra) delimitou alguns parâmetros de comportamento, válidos de certa maneira até hoje.

Os primeiros que aqui chegaram, vinham de "climas" e situações que os ensinaram a procurar estabilidade a qualquer preço (estranha lição que extraíram da Alemanha pré-naçista, numa incoerência sómente explicável do ponto de vista superestrutural.

Esta procura de estabilidade levou e leva a liderança (e os setores que representa) a procurar sempre estar do lado forte da corda, ou seja um apoio incondicional aos regimes instalados no país, fossem quais fossem, em troca da preservação de seus interesses.

Esse tipo de atitude marca uma total falta de posicionamento ou base político ideológica de quase todas as lideranças que passaram pelo Ishuv.

No atual momento histórico pelo qual passa o país, isso torna-se ainda mais claro e podemos arriscar dizer que as lideranças não estão preparadas para atuarem como grupo de pressão dentro da sociedade brasileira, pois representam interesses das classes dominantes, sendo assim representam uma classe e não uma comunidade cultural.

Pois bem, o que nos atinge em tudo isso, é que esse tipo de comportamento não se justifica pelo fato de estarem alienados do estágio atual do processo histórico brasileiro, devido ao fato de estarem se dedicando e Preocupando pela causa sionista, pois sabemos bem que isso não é verdade.

A intenção aqui não é se perder ainda mais em devaneios filosóficos, pois tudo isso merece uma análise bem mais profunda e basificada, por isso para entrar na parte prática como vejo o que deve ser a nossa atuação frente a realidade colocada acima, coloco tres perguntas que em suas respostas apresento minhas propostas práticas:

- 1) Qual a nossa posição e atuação em relação ao Ishuv e qual deve ser nossa relação de trabalho com esse?
- 2) Qual a nossa postura em relação ao posicionamento (ou falta de) do Ishuv frente a realidade brasileira?
- 3) Qual deve ser a nossa atuação frente ao processo político brasileiro?

A) Essa tese tem como objetivo básico apresentar propostas para atuação de shichavót bogrót e em especial aos bogrim, para dentro e fora do movimento.

Durante toda a história da Tnuá, nossa posição em relação ao "establishment" do Ishuv tem sido duvidosa. Nos foi e é sempre colocado ou melhor exigido um apoio incondicional as lideranças do Ishuv. Ou seja, a nossa peilut sempre foi recebida de bom grado pelas instituições constituídas e nem sempre retribuída de maneira efetiva, ou em grande parte dos casos entramos em choque em termos de objetivos ou formas de atuação com as mesmas; tendo em vista o que foi apresentado acima.

- Mas o que realmente importa é onde e de que forma devemos atuar, e aqui entro em caminhos a serem seguidos, muitos deles já iniciados:

1) Pela peilut da Mazkirut Peilá da última gestão, ficou provado que na medida de que é apresentado trabalho de forma séria e concreta, "fazemos" o nome da tnuá, e assim as portas se abrem de forma extraordinária.

Levando em conta este princípio, chegamos também a um problema recente da Tnuá: Com a criação da shichvá de magshimim e com alguns vazios aparecidos entre 'shichavót (parcialmente sanados) nos últimos anos, os chaverim peilim pegam para si cargos de responsabilidade na mazkirut dos snifim antes do Shnat/machon, gerando uma certa desmotivação dos bogrim na volta destes mifalim para a peilut diária dos snifim, principalmente ^{que} número de bogrim (apesar de kvutzót diferentes) tem aumentado criando vazios em tafkidim.

Esses vazios dificilmente são supridos pela exigência rotineira da peilut no snif, e mesmo quando isso não acontece a peilut encontrada muito pouco satisfaz os bogrim.

Por isso devemos expandir o campo de trabalho dos bogrim, pois estaremos assim contribuindo para a expansão das idéias do movimento.

Assim, proponho:

PEILUT EM MOSDOT

1) Que os Bogrim dos snifim assumam de maneira drástica a liderança da comunidade organizada dos ishuvim, nos moldes de experiências passadas.

*- Assumam os Conselhos Juvenís de cada Estado bem como lutar pela criação e liderança de um Conselho Juvenil Sionista Nacional, que seja o órgão de representação dos movimentos, para atuar dentro e fora da comunidade como ente político.

2) Que a Tnuá esteja presente sempre com um representante, em qualquer ato de decisão das lideranças comunitárias que digam respeito a juventude. Quer seja em Federações, Organização Sionista etc...

3) Que na medida do possível tenhamos chaverim trabalhando diretamente em mosdót da comunidade, procurando assim compatibilizar a procura de trabalho que possibilite a independência econômica dos chaverim com o contato e interferência em lugares que atuam de forma dispersa conjuntamente com a tnuá. Ao invés de criti

car a atuação das lideranças, devemos atuar dentro de suas misgarot para alcançarmos nossas metas.

CHATIVAT BEIT

1) A política da Sochnut, bem como das comunidades, nós sabemos bem hoje toma rumos diferentes. O maior interesse hoje em dia é por Thuót Kehilatiot e Estudantes Universitários. Ora, os nossos bogrim também são estudantes universitários e pela formação que temos na Thuá (background), devemos assumir também esta liderança.

Uma das formas para atingir este objetivo poderia ser o Conselho. Mas acredito que devemos criar formas diferentes de atuação frente a esta problemática.

Assim, proponho:

a) a criação de uma shichvá Chativat Beit, que seria constituída de Bogrim, inclusive aqueles que hoje em dia não se encontram em peilut efetiva nos snifim, pois já não encontram mais seu lugar.

Esta misgueret se estruturaria de maneira a proporcionar chuguei limud (mesmo que experiências passadas tenham sido falhas), amplos que possam atingir a juventude judaica universitária em geral, não com o objetivo primordial de aproveitá-los para qualquer tipo de Peilut na Thuá, mas sim de congregar jovens atualmente fora de nosso alcance, o que seria uma prova de força real, além de satisfazer as próprias necessidades dos bogrim da Thuá.

Esta shichvá teria ainda o objetivo maior de atuar nas comunidades como entidade política, suprimindo algumas deficiências que nos atingem diretamente (a miflagá, por exemplo). Procuraria ainda a sua representatividade perante outros grupos universitários, bem como perante entidades tal como a FUSLA (Federação Universitária Sionista Latino-Americana). Neste ponto quero ressaltar que teríamos a força de sermos um grupo nacional e já estruturado nos moldes da Thuá no que se refere à mobilização e atuação.

Esta Chativat Beit congregaria bogrim que por motivos vários, não foram para o shnat ou machon ou que por algum motivo não se encaixaram nos marcos normais do movimento, bem como, estudantes em geral que aqui encontrariam o seu campo de atuação dentro da comunidade e mais tarde, possivelmente, na militância sionista.

ESCOLAS JUDAICAS

- Voltando ao ponto de que expandir a atuação dos bogrim para fora da thuá é expandir as idéias do movimento, acredito que devemos aproveitar o máximo possível o potencial de bogrim, que voltam do ano de hachshará em Israel.

A escola judaica é por princípio o nosso campo de trabalho mais fértil e importante, pois é lá que encontramos os nossos chanichim em potencial. Acredito que a nossa atuação dentro deste marco é bem deficiente.

A escola judaica sofre as consequências do atual estágio em que se estru-

tura o Ishuv ,com toda a problemática acima colocada.acima.

Por esse motivo, é de extrema importância que comecemos a lutar para a transformação da mesma. Os nossos recursos neste campo são limitados , pois sabemos da dificuldade de entrarmos com toda a força nas escolas.

O máximo que temos feito, como Tnuá, é fazer propaganda de nossas atividades, ainda quando isto é possível. Acredito que não é dessa forma que influiremos nos batei sefer.

Voltando a teoria de que devemos oferecer trabalho para depois exigirmos respostas e levando em conta ser a escola judaica em muitos lugares do Brasil o último baluarte do judaísmo, devemos nos empenhar ao máximo em incentivar a sua consumação.

Assim, proponho:

1) Que a Tnuá patrocine uma campanha maciça anual para incentivar os pais a colocarem seus filhos em escolas judaicas.

Hoje, quem patrocina esse tipo de coisa , são as federações (quando fazem) e obviamente as escolas. Acredito ser essa tarefa do movimento, que pode trabalhar em conjunto com entidades , conseguindo assim um apoio futuro das escolas , bem como o objetivo maior de trazer alunos para as mesmãs: e assim chanichim em potencial para a TNUA.

2) , Devemos estar intimamente ligados ao meio escolar e com isso mais uma vez encontraremos trabalho para nossos bogrim (em termos de tafkid e sustento)

Criando laços mais sólidos com as escolas como foi proposto , proponho que como tafkid dos bogrim procuremos ingressar nos quadros docentes das escolas, seja como morim ou merakzim de chugim .

3) Atividades em conjunto com as escolas , sem procurar utiliza-las apenas como propaganda.

Por exemplo, ao invés de fazermos um Kabalat Shabat apenas quando queremos trazer os alunos para atividades determinadas , devemos manter atividades permanentes nos batei sefer.

Para finalizar essa primeira parte, acredito que entrando com força nas mosdót teríamos apoio maior da parte do Ishuv que nos interessa, bem como sanaríamos o problema de peilut de bogrim.

A TNUA FRENTE A REALIDADE BRASILEIRA

A) Em primeiro lugar, acredito que o boquer que acredita nos valores do movimento e traz para dentro dele suas dúvidas para discussão, é suficientemente convicto para levar as idéias do movimento, com ele onde estiver e não apenas quando estiver na Tnuá (fisicamente).

Não quero entrar na discussão profunda de qual a realidade da juventude judaica brasileira, pois todos nós sabemos e sentimos o que é. Mas creio que para atingirmos a juventude, principalmente a universitária, devemos nos atualizar em padrões de organização, além de nos aprofundar no campo ideológico para enfrentarmos aquela parcela festiva da juventude judaica que apesar de viver em função de chavões também tem sua base.

B) O quadro político brasileiro está em período de mudanças e a tão decantada Abertura do Governo, não existe. O que sim existe e é o que está procurando definir o quadro político é a luta dos setores democráticos e progressistas do país. É uma luta árdua, mas que atrai a juventude judaica, ou melhor parcela dela, bem como atrai os chaverim da Tnuá, pela própria essência dos nossos valores.

Costumamos dizer que perdemos alguns elementos por causa do movimento estudantil. Ora, devemos é estar atuando também no movimento estudantil pelo menos para defender as idéias do movimento em casos que isso seja necessário (Israel, problema palestino, etc). sem com isso determinar a participação individual dos chaverim.

C) Durante muito tempo, para não "prejudicar" os objetivos básicos do movimento se expondo acabamos nos esquivando de qualquer tipo de atuação para fora da Keiláh, ocasionando uma alienação da Tnuá mesmo em problemas que nos dizem diretamente respeito.

É claro que ainda temos muita coisa a pensar antes de sairmos para qualquer tipo de atuação, mas sabemos também que no atual contexto político econômico mundial, a noção de neutralidade para qualquer acontecimento, não existe mais. Tudo hoje em dia nos diz respeito.

Nós sabemos muito bem (e dou minha opinião no coneço desta explanação que a posição do "establishment " da comunidade sempre foi a de coo^otação para o lado mais fprte, o que vem geralmente em contra aos nos-
sos princípios ideológicos .

" A liderança da comunidade não está preparada para uma luta de democratização no país, e ao meu ver muito menos interessada, pois os dispositivos que asseguram a sua estabilidade cairiam por agua abai^oxo. Isso condiciona um comportamento reacionário que em termos de juventude , atrai apenas a parcela ao meu ver igualmente reacionária.

Para que combatamos esse tipo de alienação dentro da tnuá, vejo alguns caminhos:

a) Em primeiro lugar trazer para a Tnuá as discussões sobre reali^odade brasileira, seja através de tochniot para as shichavót bogrót, seminários, chovrót específicas ou qualquer outra forma a ser encon-
trada, não como coisas optativas mas que constem do programa chinuchi da Tnuá. (Essa tarefa de organizar pode caber a chativat Beit)

b) O movimento estudantil e grande parcela da população "escla^orecida da população, levada pela normal febre de contestação atualmen-
te vigente no país , muitas vezes não está esclarecida sobre uma série de problemas referentes a Israel, comunidade judaica , conflito arabe israelí , e por isso deturpa fatos ou baseia-se em chavões vários.

A Tnuá deve estar preparada para atuar dentro destes setores para esclarecer e discutir, não abafando casos ou reagindo violenta^omente como alguns setores altamente reacionários do Ishuv fazem.

c) Qualquer luta por causas que ao nosso ver são justas, dentro e fora da "rua " judaica, devem ser empenhadas pela tnuá que deve
pelo menos colaborar .

d) Proponho ainda que se crie uma misgueret especial, ou tal-
vez a própria mazkirut peilá que tenha a função de funcionar como órgão político da Tnuá Brasileira. Essa vaadá teria como tafkid apresentar sugestões de atuação em âmbito nacional, alertar e en^oviar material sobre todos os acontecimentos aqui no Brasil que e^oxijam posicionamento (o affair Sawan, a passeata dos embaixadores árabes são exemplos de situações).

PARA RESUMIR:

8

Acredito que nos dois últimos anos, a Tnuá tem passado por um período essencial de mudanças, paralelamente às mudanças permanentes da realidade brasileira e a realidade israeli.

Tendo em vista isto, só podemos pensar em evoluir.

Todas as minhas propostas nesta tese, visam a peilut dos bogrim que voltam do shnat-machon em essencial, mas também é um projeto de uma maior dinamização da Tnuá frente ao ishuv. Com isso, não estou esquecendo de maneira alguma o ideal máximo do movimento que é a Aliá Kibutziana, ou ainda mais, a busca do Meshek Tzair. Mas acredito que todavia temos que preparar, antes de tudo, chaverim conscientes para atuarem de maneira progressista seja onde for.

Salientei algumas vezes, a necessidade de uma independência econômica, pois acredito que é a única forma dos chaverim atuarem de maneira séria em qualquer objetivo. O Beit Bogrim é uma experiência do meu ponto de vista, valiosíssima, para sanar de certa maneira esse problema.

Além disso, o Beit Bogrim a exemplo da experiência passada, deve funcionar como polo catalizador da juventude organizada de São Paulo, a princípio, e de uma maneira geral da liderança nacional.

Creio que preparando chaverim para trabalharem politicamente na realidade em que vivem, incluindo nisto todos os problemas inegáveis, tais como estudos, trabalho, etc., formaremos chaverim que poderão partir para o marco da Aliá, com mais elementos, podendo assim quando decidirem pelo Kibutz, irem para ficar; e não apenas para tentarem concretizar um objetivo delimitado pela Tnuá, de uma forma parcialmente vaga.